

FRANKLIN MARTINS



de Brasília

O árabe de FH

• O coquetel de ontem, oferecido pelos tucanos ao presidente em comemoração pelo seu aniversário, é um exemplo do contorcionismo a que se obrigam os políticos. É imenso o mal-estar no PSDB em relação a Fernando Henrique, acusado de só agir em proveito próprio e de enfraquecer o partido. Mas, na hora dos brindes, não houve tucano que não levantasse bem alto a taça para desejar saúde ao presidente. Coisas da política...

É evidente que não caberia nenhum gesto de descortesia só porque o presidente recebeu na segunda-feira à noite, no Palácio da Alvorada, o ex-prefeito Paulo Maluf, numa operação articulada pelo senador Antônio Carlos Magalhães e da qual não teve conhecimento prévio nenhum dirigente do PSDB — nem mesmo o governador Mário Covas, velho companheiro de FH, a quem caberá a tarefa de enfrentar Maluf na disputa pelo Governo de São Paulo. Afinal, estamos numa democracia e o presidente da República é livre para receber em sua casa quem ele bem entender.

Mas tivessem os demais tucanos a mesma sofisticação intelectual do presidente e poderiam ter dado ciência a Fernando Henrique de seu inconformismo, sem ferir as regras da etiqueta ou os padrões da boa convivência. Bastaria lhe dar de presente um livro escrito há cerca de 600 anos por um dos mais respeitados sábios do mundo árabe, Ibn Khaldun. Na página 183 de seu estudo sobre as razões da ascensão e queda abruptas das dinastias nas sociedades muçulmanas, chamado "Prolegômenos" (Muqaddima); Khaldun regis-

forços como o do ex-governador da Bahia Nilo Coelho, estão mais distantes dela — limitaram-se no coquetel a brindar à saúde de FH. Depois, foram embora para casa, cozinhando mágoas, humilhações e ressentimentos. Tamparam a panela. Mais cedo ou mais tarde, ela vai explodir.

A reunião de Fernando Henrique com Maluf foi apenas a gota d'água. Há meses — mais precisamente, desde a aprovação da emenda da reeleição — que os tucanos estão estranhando o comportamento do presidente. O primeiro segmento partidário a sentir a mudança foi a bancada na Câmara. Num dia, FH proibiu-a de formar um bloco com o PTB, o que reforçaria sua posição na casa. No outro, por meio do ministro Sérgio Motta, interveio na eleição do novo líder, pressionando e submetendo deputados. Em seguida, por duas vezes, convidou o deputado José Aníbal para servir a seu Governo — primeiro, como líder, depois como ministro — e, por duas vezes, deixou-o ao relento.

Depois dos deputados, chegou a vez de os governadores se queixarem. Por estilo, o mineiro Eduardo Azeredo não é

trou o seguinte:

"O soberano só pode obter poder com a ajuda de seu próprio povo (...) Ele usa as pessoas de seu povo para lutar contra os que se revoltam contra a sua dinastia. Elas preenchem os cargos de sua administração e ele as nomeia vizes e coletores de impostos. Elas o ajudam a conseguir ascendência e partilham de todos os seus negócios importantes. Isso se aplica enquanto dura o primeiro estágio de uma dinastia, mas com a aproximação do segundo estágio o soberano mostra-se independente de seu povo: reclama toda a glória para si e afasta dela sua gente (...) Como resultado, eles tornam-se inimigos e, para impedir que tomem o poder, ele precisa de outros amigos, não de sua gente (mas de outra), que possa usar contra seu próprio povo."

Como Fernando Henrique é um sujeito tão vaidoso quanto inteligente — ele costuma dizer que é mais inteligente do que vaidoso, o que é apenas mais uma demonstração de sua vaidade — ninguém deveria lhe sugerir que, no texto citado, trocasse as palavras "soberano" por "presidente", "vizes" por "ministros", "povo" por "partido" ou "segundo estágio" por "segundo mandato". Ele chegaria a essas conclusões sozinho. Certamente, daria boas risadas e — quem sabe? — a partir daí, trocaria de árabe, deixando Maluf de lado e adotando Khaldun como seu autor de cabeceira. Nada é impossível. Afinal, Alah aukbhar. Deus é grande.

Mas como os tucanos não têm a mesma sofisticação intelectual do presidente — e a cada dia que passa, graças a re-

de passar recibo, mas não vem gostando nem um pouco do fato de Fernando Henrique estar propondo um acordo a Itamar Franco, em que este desistiria de ser candidato a presidente da República para disputar o Governo de Minas com o apoio de Brasília. Azeredo, é claro, seria sacrificado.

No Rio, os tucanos estão preocupados. De umas semanas para cá, passaram a achar que Fernando Henrique está fazendo o jogo de César Maia e, por tabela, desgastando Marcello Alencar. Há poucos dias, uma leva de deputados deixou o PSDB fluminense rumo ao PFL, que está jogando muito pesado para implantar uma sólida cabeça-de-ponte no Sudeste.

Imaginava o PSDB que, pelo menos em São Paulo, Mário Covas teria o apoio firme do presidente, mas depois da noite de segunda-feira já está em dúvida. Por mais que o presidente diga que no encontro não se discutiu a eleição paulista, os tucanos estão com a pulga atrás da orelha. Afinal, foi pelas mãos do PFL, que vai apoiar Maluf em São Paulo, que a porta do Palácio da Alvorada abriu-se para o ex-prefeito.

Estarão os tucanos vendo fantasmas? Fernando Henrique dirá que sim. Ibn Khaldun, que certamente não é o árabe de FH, diria que não. Lembraria que o soberano, quando se aproxima o segundo estágio, mostra-se independente, tende a desejar toda a glória para si e a afastar seu povo dela. E alertaria que assim as dinastias se enfraquecem e acabam caindo. Esse Ibn Khaldun ou era muito desconfiado ou muito sabido. Você decide.

E-mail para esta coluna: franklin@bsb.oglobo.com.br